

O Institut for Historical Review e a Negação da História

Fernanda Teixeira Moreira*

Resumo: O Negacionismo é um movimento intelectual vinculado a extrema-direita que surgiu logo após a Segunda Guerra Mundial, ainda na década de 1940. Autodenominando-se Revisionismo, os adeptos do negacionismo pretendem “revisar” a história, através da negação da existência de câmaras de gás e do assassinato em massa de judeus e outros grupos nos campos de concentração nazistas. Para fornecer autoridade institucional aos autores negacionistas, em 1979 foi criado o Institut for Historical Review (IHR), pelo o anti-semita norte-americano Willi Carto, tornando-se o principal centro articulador do negacionismo, principalmente através da realização de conferências e da publicação do Journal of Historical Review.

Palavra-chave: Negacionismo; Neonazismo; Extrema-direita

Abstract: The Negacionism is an intellectual movement linked to extreme right which came just after the Second World War, even in the decade of 1940. Called up Revisionism, supporters of denial want to "revise" the story through the denial of the existence of gas chambers and mass murder of Jews and other groups in Nazi concentration camps. To provide institutional authority to authors denialist in 1979 was created the Institut for Historical Review (IHR), by the anti-Semitic North American Willi Carto, becoming the main centre articulator of denial, mainly through the holding of conferences and the publication of Journal of Historical Review.

Keyword: Negacionism; Neonazism; Extreme-right

O Revisionismo Negacionista é um movimento intelectual de extrema direita que surgiu logo após o término da segunda guerra mundial (ainda na década de 1940), primeiramente na França e nos Estados Unidos e que depois se expandiu pra os demais países europeus e da América Latina.

Os autores negacionistas intitulam-se *Revisionistas* numa tentativa de correção e denúncia da

* Graduada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

falsidade nas narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial e o Nazismo, o que inclui a historiografia existente sobre o tema em questão.¹

Esse movimento tem como principal objetivo a recuperação e reabilitação do projeto nacional socialista, o que inclui a tentativa de afirmar ausência de culpa alemã pela guerra e principalmente a negação dos assassinatos em massa de judeus em campos de concentração nazista.

De acordo com a literatura negacionista a grande maioria dos trabalhos historiográficos sobre o nazismo, Hitler e a Segunda Guerra mundial seriam resultado de uma falsa propaganda cujos fatos teriam sido manipulados segundo os interesses dos países vencedores do conflito, que buscavam justificar a ocupação do território Alemão pelos Aliados².

É importante ressaltar que nesses trabalhos fica evidente um processo de disputa pela memória coletiva sobre o nazismo e em particular sobre holocausto, através da construção de falsas narrativas sobre o passado. De acordo Michel Pollak, o que está colocado em disputa é o “trabalho de enquadramento da memória”³, no qual um grupo constrói uma narrativa sobre o passado que deve ser socialmente legitimada para construir a memória social. Segundo Pollak “... todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente...”(POLLAK,1989: 9) , tendo este que obedecer “a certas exigências de justificação”(POLLAK,1989: 9). Sendo assim, a historiografia exerce papel fundamental neste processo, por possuir legitimidade de construir narrativas “verdadeiras” sobre o passado⁴.

Neste processo de disputa pela memória coletiva ou social sobre o nazismo e o Holocausto, os negacionistas buscam legitimar seus trabalhos apropriando-se da forma do texto historiográfico, numa tentativa de transformar historiadores em “parceiros de diálogo”. É importante ressaltar que o texto negacionista se separa do historiográfico por não obedecer as regras metodológicas estabelecidas pela disciplina história, transformando-a numa atividade que tem como único critério a adequação a um projeto político específico. Como afirma

1

2 Países Aliados na Segunda Guerra Mundial: França, Inglaterra e Estados Unidos da América.

3 Michel Pollak, baseado em Henry Rousso (ROUSSO, Henry. “Vichy, le grand fossé” In: *Vingtième Siècle*, 5, 1985), afirma que falar em “memória enquadrada” é mais adequado por ser mais específico que memória coletiva.

4 A historiografia é legitimada, assim como o historiador, devido aos procedimentos metodológicos e regras, formulados no campo da disciplina, que norteiam e validam seus trabalhos. E da mesma forma que historiografia, os museus, o cinema, as bibliotecas e os monumentos, possuem lugar de importância no processo de construção social e cultural que está diretamente ligado à memória coletiva. (idem).

Michel De Certeau, para ser considerada uma “obra valor” (DE CERTAU, 1979: 23) no âmbito da historiografia, esta deve ser reconhecida como tal pelos *pares*, por outros historiadores, e as teses negacionistas não são.

Pode-se considerar o negacionismo como uma “*historiografia falsificada*” (MORAES,2007),pois não respeita os métodos estabelecidos no âmbito das ciências Sociais. Os textos negacionistas constroem uma falsa narrativa sobre o passado. De acordo com Le Goff, a história assim como todas as outras ciências tem como norma a verdade e o negacionismo se insere no que o autor chama de abusos da história, quando o historiador se torna um laçao do poder político.

É importante ressaltar, segundo LeGoff, que o historiador é o único habilitado a examinar e julgar o trabalho que se pretende historiográfico, pois é preparado para evitar a influência deformante do presente no passado. De acordo E. H. Carr é o historiador que interpreta os fatos, verifica a sua exatidão, tirando da obra tudo que é lendário ou mítico e os torna conhecidos. Por isso, a necessidade dos autores negacionistas de situarem seus trabalhos no âmbito da disciplina história.

De acordo Pierre Vidal-Naquet, “os assassinos de memória”(VIDAL-NAQUET, 1992) como o autor denomina os negacionistas, não são interlocutores. De acordo com o autor, não há diálogo com os que negam o holocausto, a relação com os negacionistas deve ocorrer apenas como um “combate” político e também em tribunais de justiça.

Ao se confrontarem com a historiografia produzida sobre os crimes nazistas, amparada por testemunhos e documentações diversas, os negacionistas buscam desqualificar estes trabalhos, adotando estratégias para garantir autoridade institucional a suas atividades. Dessa forma, para compreender o negacionismo é de suma importância analisar o papel dos institutos na divulgação e manutenção de suas idéias, principalmente no que concerne a tentativa de cientificidade. Sendo, o instituto, um artifício utilizado pelos negacionistas para validarem suas idéias, garantindo um aspecto pseudo-científico para suas teses. Sob este aspecto a década de 1980 é fundamental para análise do negacionismo, principalmente através da criação do *Institut for Historical Review*.

O *Institut for Historical Review* (IHR) foi criado em 1979 por David McCalden, mais conhecido como Lewis Brandon e pelo o anti-semita norte-americano Willi Carto, tornando-se nos anos oitenta o principal centro articulador do negacionismo. O IHR exerce um papel de extrema importância por publicar trabalhos de diversos autores negacionistas.

Neste contexto, o IHR é articulado através da Internet, segundo Dietfrid Krause-Vilmar, como forma de apresentar e viabilizar artigos, textos e livros sobre o negacionismo para o grande público, além de servir de base institucional para a realização de conferências mundiais. O Instituto está sediado na Califórnia nos Estados Unidos da América, local onde foi criado e onde ocorreram quase todas as suas conferências, com os temas do Holocausto, da Segunda Guerra Mundial e do Nazismo.⁵

É importante ressaltar que as conferências realizadas e os livros publicados pelo IHR são patrocinados por grupos neonazistas e de extrema-direita. De acordo com Luis Milman, boa parte das conferências realizadas nos Estados Unidos, que inclui as do IHR, tiveram apoio de grupos racistas.

Nos textos encontrados no sítio do Instituto na Internet, o IHR é apresentado como um grupo que tem como principal objetivo revisar a história do século XX e de seus conflitos (principalmente a Segunda guerra Mundial), mantendo sempre o compromisso com a veracidade dos fatos. Afirmando também, que para isso o Instituto mantém contatos com a mídia em geral, buscando sempre esclarecer as pessoas sobre a verdadeira história do século XX e desmentindo propagandas enganosas sobre a guerra e o Holocausto:

“O Instituto de Revisão histórica é um educativo, centro de investigação e publicação de interesse público, dedicado a promover uma maior sensibilização do público com o passado, e especialmente para aspectos político-sociais relevantes do século vinte. Empenhado especialmente para aumentar a compreensão das causas, natureza e consequências das guerras e dos conflitos.(...) Ele defende ardentemente a liberdade de expressão e a liberdade de investigação histórica. (...) O Instituto se esforça, nas palavras de Barnes, para "trazer história em acordo com os factos"”

É importante ressaltar que, através do IHR, conhecidos autores negacionistas, como David Irving e Robert Faurisson, publicam seus textos e vendem seus livros. O principal veículo de apresentação dos textos negacionistas é o *Journal of Historical Review*, uma revista eletrônica pseudo-científica e de fácil acesso ao grande público.

O *Journal of Historical Review* (JHR) foi publicado entre 1980 e 2002, com uma pausa em 1987, tendo ao todo 96 publicações de autores negacionistas. Este é apresentado, assim como o IHR, como uma publicação compromissada em continuar a tradição do revisionismo histórico.

⁵ Foram realizadas ao todo 15 conferências com o nome do Instituto e mais outras em que o IHR aparece como apoio, como por exemplo a ocorrida no Irã em 2006.

A negação do Holocausto e das câmaras de gás são o tema central das publicações do JHR durante a década de 1980, entre os artigos publicados estão os famosos textos de Robert Faurisson: *The Mechanics of Gassing* e *Is the Diary of Anne Frank Genuine?*

Os conteúdos apresentados pelos artigos do *Journal of Historical Review*, assim como os das conferências, apresentam Hitler como uma figura pacífica que só iniciou a guerra devido a ameaça dos aliados e de um complô mundial judaico. A maioria dos trabalhos negacionistas afirma que os países comandados por Judeus (que inclui os Estados Unidos) foram responsáveis pela ofensiva a Alemanha e pelo início da guerra e são os agentes que mantêm e propagam a grande mentira sobre a Segunda Guerra Mundial: a existência do Holocausto.

Os artigos negacionistas publicados através do *Journal of Historical Review*, são um forte exemplo de que as idéias anti-semitas e racistas ainda estão fortemente presentes na mentalidade contemporânea e que ainda são colocados a serviço de um projeto político, cujo seu objetivo principal é legitimação da extrema-direita e do nacional socialismo. Um exemplo disto foi a participação do general nazista Otto Ernst Remer⁶ como palestrante de uma conferência realizada pelo IHR em 1987, onde defendeu a figura de Hitler e dos demais líderes nazistas e a publicação de um artigo pelo instituto de um ex-comandante de divisão da SS, também defendendo Hitler no *Journal of Historical Review*.

É necessário enfatizar que negar o Holocausto, é negar uma documentação múltipla e variada que engloba desde testemunhos de ex-prisioneiros, como também depoimentos de ex-funcionários do governo nazista. E que, como afirma Luis Milman, o negacionismo é uma deformação enquanto historiografia porém enquanto ideologia é a expressão particularmente assustadora da naturalidade com que convivemos com o verbalismo vazio e a demagogia pseudocientífica. Estudar o negacionismo é analisar uma “deformação ideológica e política persistente na cultura ocidental” (MILMAN, 2000: 116).

De acordo com Dietfrid Krause-Vilmar, os objetivos dos negacionistas não são histórico-científicos, não há a vontade de querer saber o que realmente aconteceu e sim interesses políticos, representado pela necessidade de demonstrar, mesmo com toda a quantidade de documentação existentes que comprovam a existência do Holocausto, que o nazismo não foi como relamente apresentam.

Como afirma Pierre Vidal-Naquet, os trabalhos negacionistas são totalmente incoerentes, uma

⁶ Que foi comandante da brigada de Elite de Hitler, condenado a vinte e dois meses de prisão em 1992 por fazer discursos de negação do Holocausto.

farsa. E após analisar os artigos e as teses publicadas pelo IHR fica evidente que não é produzido um trabalho científico e sim um paródia travestida de historiografia.

Referência Bibliográfica

CARR, E. H.. *Que é História?*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DE CERTAU, Michel. “A operação historiográfica”. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs). *História Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1979, p. 17-48.

KRAUSE-VILMAR, Dietfrid. “A negação dos assassinatos em massa do Nacional-Socialismo: desafios para a ciência e para a educação política”. In: MILMAN, Luis e VIZENTINI, Paulo Fagundes (orgs.). *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

MILMAN, Luis. “Negacionismo: Gênese e Desenvolvimento do Genocídio Conceitual”. In: MILMAN, Luis e VIZENTINI, Paulo Fagundes (orgs.). *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2000.

MORAES, Luis Edmundo de Souza. *Laboratório de Evidências: intelectuais de extrema-direita e a invenção do passado*. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Projeto não Publicado.

POLLAK, Michel. “Memória, Esquecimento e Silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol.2, n.3, 1989, p. 4-15.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Assassins of Memory*. New York: Columbia Press, 1992.